

Gaspar Martins Pereira (transcrição e introdução) \*  
Natália Fauvrelle da Costa (transcrição e revisão) \*\*

# Instruções para a cultura das vinhas e para o fabrico do vinho nas quintas de João Pacheco Pereira, antes da instituição da Companhia

*À memória do amigo Henrique David*

## INTRODUÇÃO

A história da vinha e do vinho no vale do Douro não pode fazer-se sem o recurso sistemático às múltiplas fontes de informação que se encontram dispersas pelas bibliotecas e arquivos públicos e privados. Na linha das preocupações do GEHVID e das orientações editoriais da revista *DOURO – Estudos & Documentos*, temos vindo a reunir diversos documentos inéditos que consideramos de particular interesse para a história da vitivinicultura duriense, a publicar nas páginas desta revista.

O documento que agora apresentamos constitui a transcrição de um livrinho manuscrito guardado na Biblioteca Pública Municipal do Porto<sup>1</sup>.

Embora não esteja datado, o manuscrito foi provavelmente elaborado em meados do século XVIII, antes da instituição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, já que assinala algumas práticas vitícolas que virão a ser proibidas e severamente punidas pela legislação pombalina. Aqui e ali, a caligrafia, a tinta utilizada e o próprio conteúdo das informações revelam-nos acrescentos posteriores, que se prolongam até 1758.

Não sabemos também quem redigiu o documento, mas as propriedades referidas no texto pertencem, por altura da fundação da Companhia, ao fidalgo João

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coordenador do GEHVID.

\*\* Bolseira da JNICT. Investigadora do GEHVID.

<sup>1</sup> Biblioteca Pública Municipal do Porto. Manuscrito n.º 994.

Pacheco Pereira, juiz da Alfândega do Porto, desembargador do Paço, deputado e promotor do Tribunal da Bula da Santa Cruzada, membro da Junta da Inconfidência, vereador da Câmara do Porto e um dos accionistas da Companhia.

Pacheco Pereira era não só um dos mais poderosos proprietários do Porto<sup>2</sup>, mas também o maior proprietário vinhateiro do Douro de então, produzindo mais de 300 pipas de vinho<sup>3</sup>.

O documento referencia um vasto conjunto de quintas, vinhas, olivais e outras propriedades dispersas por diversas freguesias do Baixo e Cima Corgo. As mais importantes são as quintas do Crasto (freguesia de Gouvinhas, concelho de Sabrosa), de Tourais ou «dos Pachecos» (abarcando uma área mais extensa que a actual Quinta da Pacheca, na freguesia de Cambres, concelho de Lamego), de Valclaro (Penajóia, Lamego), do Pego ou de «S. Gonçalo» (Valença do Douro, actual concelho de Tabuaço), das Cortes (Cambres, Lamego), de Marrocos, de Casal de Dronho e Malpica e dos Poços (Valdigem, actual concelho de Lamego). Todas estas quintas constituíam importantes unidades de exploração vitícola, dispondo, invariavelmente, além das vinhas, das respectivas casas, com lagares e adegas. Algumas delas tinham também olivais, terras de pão, pomares e hortas. As quintas do Crasto e do Pego possuíam azenha de azeite e forno telheiro. A do Crasto tinha ainda um colmeal. Aparecem-nos referências a capelas nas quintas do Crasto e das Cortes, mas sabemos que também a Quinta da Pacheca tinha já então uma capela, instituída no século XVI. Infelizmente, o documento não conclui a descrição das propriedades, ficando por descrever a quase totalidade desta última quinta, que deveria ser a mais importante de todas.

Apesar de incompleta, a descrição das propriedades permite-nos salientar o domínio da vinha, quer nas quintas quer nas parcelas dispersas. O documento aponta-nos, de resto, a expansão da vinha, nomeadamente em terras anteriormente ocupadas por sumagrais ou soutos. Outra cultura importante é a da oliveira, atestada não só por inúmeras referências a olivais ou oliveiras dispersas, mas também pela existência de azenhas de azeite em duas das quintas. Frequen-

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, a referência feita pelo Padre Agostinho Rebelo da Costa, na sua *Descrição Topografica, e Historica da Cidade do Porto* às quintas de João Pacheco Pereira no Porto: «Bastavão só as que João Pacheco Pereira Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Senhor donatario da Villa de Vellozo, e Alcaide Mor de Villa de Rei, possui em todo o Massarelllos, Villar, e outros suburbios desta Cidade para encher hum grande volume». Cf. COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição Topografica, e Historica da Cidade do Porto*. Porto, 1789, p. 41.

<sup>3</sup> A partir de 1770, podem quantificar-se os vinhos de embarque produzidos, anualmente, nas quintas de João Pacheco Pereira, através da análise dos livros de qualificação e de arrolamentos de vinhos de embarque, existentes no Arquivo da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. Cf. PEREIRA, Gaspar Martins – *Aspectos sociais da viticultura duriense nos fins do século XVIII*. In «Actas das 1.<sup>as</sup> Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia, Março de 1984». Porto: CENPA, 1986, p. 93-118.

temente, as oliveiras aparecem associadas a terras de sementeira, em particular de centeio. É ainda significativa a referência a salgueirais (cuja importância se relaciona com a erguida das vinhas), pomares e hortas. Aparecem-nos indicações dispersas a outras culturas – um linhar, figueiras, uma amoreira –, sem dúvida de relevância marginal no quadro da economia duriense.

A descrição das propriedades ocupa, à imagem de outros documentos congéneres da época, a maior parte do manuscrito. É, no entanto, nas páginas iniciais que o *Livro de Várias Clarezas pertencentes a Regra, e governo do Serviso das quintas de Sima do Douro* se releva de grande interesse para a história da vitivinicultura do Douro, apresentando um conjunto de instruções para administração das propriedades. Depois das preciosas referências de Rui Fernandes<sup>4</sup>, em 1532, e antes das mais pormenorizadas descrições dos memorialistas de finais de Setecentos<sup>5</sup>, o documento que adiante transcrevemos constitui um curioso e singular testemunho sobre a cultura das vinhas e o fabrico do vinho no Douro nas vésperas da instituição da Companhia.

O calendário dos trabalhos da vinha é sensivelmente o mesmo em todas as quintas.

Depois da vindima, no princípio de Novembro, tirava-se das vinhas a madeira de suporte das videiras que se guardava para a próxima erguida. Na viticultura antiga do Douro, em que não se procedia ainda à organização das vinhas em fiadas regulares, com o recurso a esteios de xisto ou madeira e fios de arame (que só se vulgarizarão na segunda metade do século XIX) esta operação é fundamental, tanto mais que na região são relativamente escassas e caras as madeiras para a empa. Daí que se aconselhe a comprar alguma madeira, «logo depois da vindima por ser mais barata».

<sup>4</sup> FERNANDES, Rui – *Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas...* (1532). In «Inéditos de História Portuguesa». Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1824, Tomo V, p. 546-613.

<sup>5</sup> Em especial, FONSECA, Francisco Pereira Rebelo da – *Descrição económica do Território que vulgarmente se chama Alto Douro*. In «Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa». Lisboa, 1791, Tomo III, p. 36-72; FONSECA, Francisco Pereira Rebelo da – *Memória sobre o estado da Agricultura, e Comércio do Alto Douro*. In «Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa». Lisboa, 1791, Tomo III, p. 73-153; FONSECA, Francisco Pereira Rebelo da – *Memória sobre o assunto proposto pela Academia Real das Ciências para o Ano de 1790. Qual é o método mais conveniente, e cautelas necessárias para o cultivo das vinhas em Portugal; para a vindima; extracção e fermentação do mosto; conservação, e bondade do vinho, e para a melhor reputação, e vantagem deste importante ramo do nosso comércio*. In «Memórias de Agricultura premiadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa». Tomo I. Lisboa, 1791, p. 1-273; TELES, Vicente Coelho Seabra e Silva – *Memória sobre a cultura das videiras e manufactura dos vinhos*. In «Memórias de Agricultura premiadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa». Tomo II. Lisboa, 1791, p. 275-411; LOBO, Constantino Botelho de Lacerda – *Memória sobre a cultura das vinhas em Portugal*. In «Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa». Tomo II. Lisboa, 1791, p. 16-34 e 198-284.

Paralelamente, decorria a escava, abrindo nateiros em torno das videiras, onde se acumulariam as folhas e a água das chuvas de Inverno.

Em Dezembro ou Janeiro, procedia-se à poda, nos dias em que fizesse bom tempo, evitando-se os frios e geadas. O trabalho dos podadores era secundado pelo das mulheres que acarretavam as vides até à porta de casa das quintas.

Depois da poda, ou mesmo simultaneamente, até ao fim de Fevereiro, fazia-se a replantação nas falhas da vinha, através do sistema de mergulhia, ou plantavam-se novos bacelos. Em Janeiro e Fevereiro, a par destas operações, procedia-se ainda à apanha da azeitona (e naturalmente ao fabrico do azeite) e às sementeiras.

Desde início de Março a meados de Abril, decorriam a cava e a erguida ou «levanta», nas quintas de Valdigem e do Crasto. Na Pacheca e nas Cortes, a erguida iniciava-se pelo fim de Fevereiro e a cava era mais tardia, a partir de meados de Abril.

Havia ainda lugar a uma terceira cava – a redra –, geralmente depois de meados de Junho, mas com tempo fresco e «depois de estar o vinho bem limpo». Daí que nos apareçam diferenças sensíveis entre as quintas do Baixo e do Cima Corgo: na Quinta do Crasto, situada numa zona mais quente, a redra é mais precoce, decorrendo em meados de Junho, ou mesmo em Maio; nas quintas de Valdigem, a redra iniciava-se em 20 de Junho; e nas quintas da Pacheca e das Cortes, no Baixo Corgo, só se começava a redrar no fim de Junho.

A vindima deveria fazer-se tardiamente, quando as uvas estivessem bem maduras. Deveria começar-se pelas vinhas das encostas mais quentes e só depois se vindimaria nas vinhas dos vales, das terras mais frescas e dos altos, onde as uvas precisassem de mais tempo para amadurecer. De resto, praticava-se o escangalhamento dos cachos, rejeitando todos os canganhos verdes, sobretudo nas vinhas dos vales e dos altos, aproveitando apenas os canganhos vermelhos.

Não menos valiosas são as informações que o documento nos fornece sobre a vinificação. Aponta, claramente, para a manutenção do sistema de pisa prolongada e para a adição de aguardente durante a fermentação. Paralelamente, assinala um conjunto de práticas mais ou menos em voga que, em breve, todos denunciarão como fraudulentas, como a adição de açúcar e de baga, que virão a ser proibidas pela legislação pombalina. Porém, acima de tudo, corresponde à ideia de «beneficiar» o vinho, de modo a adequá-lo ao gosto inglês dominante que pretendia vinho forte, retinto, encorpado e doce, ou, segundo as palavras de um documento da época, um vinho que «*fosse hum fogo potavel nos espiritos, hua polvora incendiada no queimar, hua tinta de escrever na côr, hum Brazil na doçura, hua India no aromatico*»<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Resposta dos Commissarios Veteranos ás novas instrucções da Feitoria. Cima do Douro, Setembro de 1754.

Segundo as instruções do documento que adiante publicamos, no primeiro esmagamento no lagar, as uvas deveriam ser *«bem pizadas, com quantos mais homens milhor»*. Depois da primeira pisa, recomendava-se dar de lagar *«o que for conveniente [50 a 60 horas] até estar bem feito o vinho»*, mas sem que *«passe de fervura»*, *«comforme a qualidade do vinho e o anno»*.

A mistura do mosto dos diversos lagares nos vários tonéis deveria fazer-se *«de sorte que os toneis, a pro porção de cada hum, não fiquem com mais vinho de hum lagar do que de outro»*.

De imediato, ou *«depois de dez ou doze dias»*, se *«ferverem pouco»*, adicionar-se-ia um almude de aguardente por pipa *«da fina e prova de azeite»* (ou de escada), deixando os tonéis com *«hum palmo, ou palmo e meyo por encher, para que [os vinhos] fervão a seu gosto»*.

Em finais Novembro, depois da fermentação, deitar-se-ia alguma baga (um alqueire por pipa), *«bem pizada»*, *«para que fique o vinho bem cuberto»*, *«porque o vinho bem cuberto tem milhor venda e prova milhor»*.

Aconselha-se ainda a adição de açúcar (8 arráteis por pipa) *«do mais fino que ouver, que seja da Baya»*.

O documento refere-se ainda à prática seguida por alguns vinicultores de adição de *«tiborna ou vinho mudo»*, produzido com certas castas de uvas, em especial malvasia e bastardo, escolhidas no início da vindima e pisadas *«com a bica do lagar aberta para não ter logar de ferver»* e envasilhado de imediato com um terço de aguardente.

Após a criação da Companhia, algumas destas práticas seriam proibidas e severamente punidas. De resto, é em torno delas que se acende a polémica sobre a falsificação dos vinhos do Douro, envolvendo os exportadores ingleses e os viti-cultores. O Estado intervirá em nome da defesa da qualidade do produto, instituindo a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, por alvará de 10 de Setembro de 1756. No entanto, essa é só uma parte da questão, provavelmente apenas um dos pretextos para a intervenção do poder central, quer com objectivo de controlar um sector-chave da economia nacional quer no sentido de conciliar e proteger os interesses dos grupos dominantes desse sector. No plano das técnicas vinícolas, se é verdade que a Companhia procurou, através de abundante legislação, defender a genuinidade e a qualidade do produto, obstando a práticas que considerava fraudulentas, como a adição de baga de sabugueiro ao vinho, não é menos verdade que essas práticas nunca foram totalmente irradiadas. Por outro lado, e nisso reside grande parte do interesse do documento que apresentamos, verificava-se já antes de meados do século XVIII o conhecimento de técnicas, embora de base empírica, de suspensão da fermentação do mosto, através da adição de aguardente, para obter vinhos mais doces.

## DOCUMENTO

### **Livro de Várias Clarezas pertencentes a Regra, e governo do Serviso das quintas de Sima do Douro, e Suas Clarezas**

#### **Regra, e governo para o Serviso da quinta do Crasto**

*Depois da vendima ficara, a mesma gente, que serão vinte homens, ou os que forem convenientes, e começarão a tirar a madeira, e a escavar as vinhas, tudo no principio de Novembro, e feita a escava começarão a poda que se podera fazer em Dezembro ou Janeiro conforme for bom tempo, e depois a margulha com a mesma gente, e se repartirão alguns homens para o serviso das sementeiras, e da Vareja de Azeitona, e feita a margulha, que sera emte o fim de Fevereiro, e logo no principio de Março comessarão a Cava na Vinha Velha, e depois nos bacelos, e juntamente andarão com o serviso de alevanta para que fique tudo feito no fim de Março ate meyo de Abril pouco mais ou menos; e no meado de Junho como o vinho estiver limpo se dara hua redra as Vinhas com tempo fresco, e não com calores que não convem ou em Mayo.*

*E se não houver margulha para todo este tempo andarão a por bacelo em alguma parte onde for mais conveniente: Declaro que a madeira se podera dar de empreita, e as Vides de as tirar se darão a molheres ou como for mais conveniente.*

#### **Regra, e governo para o Serviso das quintas de Valdige**

*Depois da vendima ficarão des ou doze homens, ou os que forem nescessarios, e se lhe darão a tirar a madeira que podera ser de empreita, e depois começarão a escava e feita ella se pode fazer a poda sendo bom tempo que he melhor cedo do que tarde por respeito dos frios e giadas que fazem nas Vinhas de Valdige, e juntamente no cedo apparecem mais podadores que podendo hir de Tourais fazem melhor, e mais depreça, e feita a poda andarão a por bacelo, ou margulhar conforme o tempo que for mais conveniente ate o fim de Fevereiro, e no principio de Março começarão a cavar nas terras mais fracas, e juntamente se andarão com o serviso da levanta para que fique feita ate meado de Abril; e em vinte de Junho depois de estar o Vinho bem limpo se redrara em tempo fresco e não com calores, e se for conveniente redrar no fim de Mayo por respeito da muita herva fara conforme for mais conveniente: Declaro que (a levanta) digo a redra se podera dar de empreita tambem, e se comprara alguma madeira logo depois da Vendima por ser mais barata.*

#### **Regra, e governo para o Serviso da quinta de Touraes**

*Depois da Vendima se dara de empreita a tirar a madeira, e depois começarão a escava com a gente que parecer mais conveniente des emte desasete homens, e o poda se começara em Janeiro e a mergulha da mesma sorte com a gente que for precisa conforme a mergulha que houver, e no fim de Fevereiro se começara a levanta e em meado de Abril a Cava e no fim de Junho quando o Vinho estiver bem limpo, e bom tempo isto he fresco e não com calores se dara a redra que sera de empreita como tambem o esvidar e acarretar as Vides para a porta da Caza; e o mesmo se observara na quinta das Cortes.*

#### **Regra e governo para o Serviso da Vendima**

*Na Vendima todas as uvas dos Valles que tiverem os baganhos verdes se escanganharão de sorte que não fique Canganho algum por que todo o Canganho verde he nocivo para o Vinho, e nas Vinhas de Valdige, e das Cortes se escanganharão todo por serem vinhas dos altos, exceto algumas uvas que tiverem os pes vermelhos que estes serão convenientes porque dão força ao Vinho principalmente se o anno for muito maduro, e não verde.*

*E assim se principiara a Vendima estando bom tempo, primeiro pellas barrojetas, ou terras fracas, e depois pellos Valles, ou fortes para que estes tenham mais tempo de se sazunarem as Uvas,*

## Instruções para a cultura das vinhas e para o fabrico do vinho

e depois de bem pizadas com quantos mais homens melhor para que bem trabalhado o vinho fique, se lhe dara de lagar o que for conveniente ate estar bem feito o Vinho que se tendo algum travor de bem cozido, porem não passe de fervura, se for mais verde trinta ate quarenta horas, se for maduros cincoenta ate ceconta horas conforme a qualidade do Vinho, e o anno que a gente que tem uzo bem sabem quando esta feito, e capax de se abrir ao lagar.

Aberto o lagar se botara todo vinho pellos toneis com a mesma igualdade para que fique bem lutado de sorte que os toneis a por porção de cada hum, não fique com mais vinho de hum lagar do que de outro; e tendo os toneis tres partes ja de vinho, ou no sima, ou depois de des, ou doze dias como ferverem pouco lhe botarão agoa ardente da fina, e prova de azeite hum almude por pipa que vem a ser em cada tonel grande des ou doze almudes; e se deicharão os toneis hum palmo, ou palmo e meyo por encher para que fervão a seu gosto, e depois de acabarem bem de ferver que sera regularmente pello fim de Novembro lhe botarão a baga da melhor que aparecer que deve ser bem preta que tinja bem e que seja de bom sitio e quanto mais doce melhor e cheiroza hum alqueire por pipa que vem a ser des ou doze alqueires em cada tonel por tres ou quatro vezes, a tres ou quatro alqueires em cada balde, e bem feita e pizada para que fique, e largue toda a tinta, e depois de tudo feito, se atestarão os toneis com algum Vinho capax, e bom e com a baga bem desfeita para que fique o Vinho bem cuberto, e se nescessar de mais alguma baga se lhe botara porque o vinho bem cuberto tem melhor venda e prova melhor.

Depois de se lhe botar a baga sera acertado botarce em cada tonel de des, ou doze pipas tres arrobas de assucar do mais fino que ouver que seja da Baya, porque tem mais força, e he melhor, e ainda que o vinho seja maduro sempre he conveniente botarinho porque lhe fas gosto especial que vem a ser oito arrateis por pipa: Alguns lhe botão tiborna ou vinho mudo que se fas escolhendo no principio da Vendima algumas castas de uvas como são malvazias e bastardas e pizandoce com a bica do lagar aberta para não ter logar de ferver e se envazilhara lançandoce tres partes delle, e hua de agoa ardente e o meicherão bem e depois de bem batido para que a agoa ardente lhe coma e estorve a fervura e fique doce e depois se lhe hira lançando pellos toneis aos poucos.

Sobre a Venda dos Vinhos nem dos primeiros nem dos ultimos e não se vendera por menos dos vezinhos porque os Vinhos são dos milhores e ainda que digão são inferiores he mentira porque nenhuns dos vinhos são milhores levando elles a confeição que atras digo e sobre tudo sejam bem cubertos e me emformarei primeiro dos pressos que correm para assim servir de governo e se dara a provar a todos que quizerem provar para assim se venderem ao que mais der.

### Quinta do Crasto

Fica esta quinta no termo de Villa Real distante tres legoas, he toda Dizima a Deos consta de Cazas Lagares Capela Vinhas olivaeas terras de pam pomar, e hortas azenha de fazer azeite hum forno de telha e Colmeas e fica na freguesia de Goivinhas junto ao Rio Douro.

Pertence a esta quinta huas 6 leiras de terras a que chamão de D. Daniella que ficão no monte na mesma freguesia forão estas leiras da dita D. Daniella Teixeira de Miranda duas estão dentro da quinta e quatro fora della que são as seguintes:

1 Hua leira ou Campo de terra que esta no citio chamado de S. Payo com oito oliveiras e hua figueira que parte de hua parte com Andre Gonsalves e da outra com Ignacio de Gouvea ambos do lugar de Goivinhas.

2 Outra leira ou Campo de terra esta onde chamão o Caleiro limite do mesmo lugar Goivinhas que parte de hua parte com o Casal da Capella de S. Pedro de Villa Real, e da outra com o Siara do lugar de Goivinhas e com fronta digo, e com fonte do Parayzo.

3 Outra leira de terra que era a Eyra da Igreja lemite do mesmo lugar parte de hua parte com Cosme Rodrigues e de outra com Gaspar João ambos de Goivinhas.

4 Outra leira esta onde chamão o Cham do Abbade limite do mesmo lugar que parte com

Jeronimo Teixeira e da outra parte com Joze Vilella de Goivinhas, esta escritura feita nas notas de Antonio da Silva Codilho de Villa Real que foi feita em 26 de Março do anno de 1730.

Pertence mais a esta quinta hua leira de terra que esta onde chamão as Agoas altas<sup>7</sup> que foi de Manuel Lopes e sua mulher Elena do lugar de Donello cuja leira parte de hua banda com o Ribeiro das Agoas altas e da outra banda com João Pereira Novo do lugar Donello e foi comprado em 5 de Junho de 1734.

Pertence mais a esta quinta hua leira de terra no sitio das Agoas altas<sup>8</sup> que vendeo João Pereira do lugar de Donello que parte de hua banda com terras da quinta do Crasto delle Comprador que tinha cido de Manoel Lopes e da outra banda com o mesmo Vendedor desta leira que foi o dito João Pereira pello pe do Serro agoas vertentes foi a venda no ano de 1735 em 20 de Abril.

Pertence a esta quinta hua leira de terra ou Campo de terra com duas Varges regadias e sua fonte dentro que esta no sitio aonde chamão as Agoas Altas limite de Donello que levava des alqueires de semiadura e parte de hua banda com o Ribeiro que vem de Bomdia e da outra parte e de Sima com terras hoje da quinta que forão de João Pereira o Novo que he o antecedente e de baixo com orta da mesma quinta, este Campo foi de Domingos Gonsalves e sua mulher Anna Maria do lugar de Donello que a vendeo em 26 de Janeiro de 1735.

Esta hua Clareza nos papeis desta quinta que della se paga de foro ao Reguengo com senço por Certidão que passou o Escrivão do Almojarifado Domingos Borges da Fonseca pello que rezulta esta a quinta que foi do Cappitam João Vieira da Cidade do Porto a saber de pam a quinta parte do trigo e mais de centeo 10 alqueires e tres salamis e de vinho 5 almudes e 6 canadas e mesma na forma de repartição que se fes pellos louvados de que se fes termo.

Pertence mais a esta quinta hua terra que fica junto da quinta que levava pouco mais ou menos d(esa)seis alqueires de trigo de sementeira parte do Nascente com o Ribeiro da Agoa Alta e do Poente com o Carreiro que vai da quinta para o lugar de Donello que foi de Joze de Carvalho e de sua mulher Maria Francisca do lugar e freguesia de Goivinhas termo de Villa Real os quais venderão aos 30 de Agosto de 1737.

### Quintas do termo de Valdige

#### Possos

A quinta dos Possos que fica no termo, e freguezia de Valdige consta de Cazas Lagares Vinhas e hum lameiro com seu Salgueiral onde chamão o Sarzedal e agoa de regar que parte com o Salgueiral dos Ferrazes e da outra parte com Antonio de Barros e do fundo com Manoel da Fonseca Pinto e por sima com a estrada que vai para a fonte do Sarzedal que levava de sameadura des alqueires de pam; e hua tapada de terra atras do lombo com suas oliveiras<sup>9</sup> que parte com a estrada que vay para Perada do Bispo e da outra parte com terra do Arcediago da Se de Lamego; e hum talho de terra no Zambulheiro que parte do fundo com a estrada publica e pello Sima com terra de Manoel Fernandes Guedes de Valdige; e hum pedaço de terra no citio do Cavalleiro que parte pello sima com Francisco Rabello Leitão e mais outro pedaço de terra com tres oliveiras que parte pello fundo com terra de Manoel da Fonseca Pinto de Canellas he toda esta quinta e suas pertenças Dizima a Deos tão somente.

Pertence mais a esta quinta hua vinha que levava trinta homens de Cava e parte com vinhas da mesma quinta e da outra com Rodrigo Gil Vas Leitão de Lamego.

Pertence mais a esta quinta outra vinha que foi de Manoel Correa no sitio dos Magosteiros chamada do Imbique que parte pello fundo com a mesma quinta e da outra parte com os herdei-

<sup>7</sup> Nota à margem: levava de semiadura 4 alqueires.

<sup>8</sup> Nota à margem: levava de semiadura 5 alqueires.

<sup>9</sup> Nota à margem: troca com Francisco de Paiva.

ros de Andre de Queiros Teixeira e da outra com Gaspar da Silva de Carozza que levava sete homens de Cava.

Pertence mais a esta tal quinta hua vinha que foi de Pedro Pereira e sua molher que levava hum homem de Cava que parte com a quinta e da outra parte com Manoel Fernandes Manquinho.

Pertence mais a dita quinta hua vinha que foi de Antonio Fernandes Rilha Ferros.

#### **Quinta de Casal de Dronho e Malpica**

Esta quinta e vinhas ficão na freguezia e termo de Valdige que tudo he Dizimo a Deos que consta de Cazas Lagares e horta (e) vinhas como he a vinha da Fonte chamada a Marranica; e a vinha chamada de Santarem; e a vinha chamada a Travessada; e a vinha chamada a Redonda; e a vinha que foi de Francisco Manoel de Brito que levava quarenta homens de cava que parte pello fundo com a estrada publica e pello Sima com o Carreiro que vay da vinha de Joze Vicente e do Nascente com o mato que foi de Domingos da Fonseca Correa e do Poente com a Barroca que desce das Cassiras como tambem a metade das Cazas chamada de Baixo, e as Cazas de Sima com sua Orta tudo Dizimo a Deos.

Pertence mais a esta quinta a vinha que foi de Manoel de Mesquita que levava oito homens de Cava que parte com a dita quinta.

Pertence mais a esta quinta a vinha que foi de Manoel da Costa que parte pello fundo com a estrada publica e por Sima com o Carreiro do dito sitio e da outra parte com a dita quinta e com outra com Manoel de Mesquita

Pertence mais a dita quinta hua vinha que foi de Domingos da Fonseca Taveira e sua molher que levava 12 homens de Cava que parte com a dita quinta e da outra com o mato de Domingos da Fonseca Correa como tambem a metade da Caza dos Lagares, em Malpica.

Pertence mais a dita quinta hua vinha que foi de Maria Nunes no sitio de Malpica que parte com vinhas da quinta e pello fundo com Jozefa de Almeida de Valdige.

Pertence mais a dita quinta hua vinha que foi de Maria de Paiva em Casal de Dronho que levava sete ou oito homens parte do fundo com Anna Luis e por Sima com a estrada que vaj para a barça e por outra parte que vay para Casal de Dronho que he onde hoje estão as Cazas.

Pertence mais a dita quinta outra vinha que foi de Pedro Nunes em Malpica que parte por hua parte com Domingos Esteves de Valdige e da outra por Sima, com o Caminho que vai para Perada.

Pertence maes a dita quinta hua vinha que trocou Jeronimo de Azevedo que fica em Malpica por hua terra com suas oliveiras que fica dito no primeiro paragrafo; esta vinha lhe chamão do Ferreiro junto a Malpica.

#### **Quinta de Marrocos**

Esta quinta fica no termo de Valdige e freguezia que esta junto do Rio Douro, e consta de Cazas Lagares e vinha que levava cento e cincoenta homens de Cava he prazo de vidas de que se paga nove mil reis a D. Catherina Thereza de Vasconcelos; parte pello fundo com o Rio Douro e pello Douro assima parte com João da Silveira de Valdige e pella parte de baixo com João Correa da Silva e pello alto com Domingos Monteiro de Albergaria.

Pertence mais a esta quinta hua vinha Dizima a Deos que foi de Simão Cardozo Ozorio chamada a Escomungada que levava de Cava vinte e cinco homens e parte com o Carreiro que vai para o Douro e por outra com Joze Vicente de Andrade e pelo fundo com a mesma quinta e por sima com o Capitam mor de Lamego Lourenço Manoel.

Pertence mais a esta quinta hua vinha Dizima a Deos no sitio chamado o Serro do asno que foi de Manoel da Motta chamada a Motta que levava quatorze homens de Cava que parte por sima com a vinha assima dita que foi de Simão Cardozo Ozorio e pello fundo com Sabastião de Azevedo Pinheiro.

*Pertence mais a esta quinta hua vinha Dizima a Deos que foi de Francisco Pereira onde chamão o Serro de asno.*

*Pertence mais a esta quinta hua vinha que he Dizima a Deos que foi hum somagral de Manoel da Motta no sitio do Serro de asno que parte com a quinta e pella outra parte com o Padre João Guedes da Costa*

*Pertence mais a esta dita quinta hua vinha Dizima a Deos que foi hum somagral de Jozefa de Paiva no Serro do asno que levava seis homens de cava e parte com os herdeiros de Maria Garcia e pello sima com vinha da quinta.*

*Pertence mais a esta tal quinta outra vinha que he tambem Dizima a Deos no Serro do asno que foi de Baltezar de Carvalho que levava seis homens de Cava e parte com vinhas da quinta e por outra com Manoel Rodrigues Torto.*

*Pertence mais a esta dita quinta de Marrocos hua vinha no Serro do asno que foi de Pedro da Fonseca Dizima a Deos que parte com a Barroca do Souto da Fonte (e) com Manoel Pereira Longo e por sima com vinhas da quinta que levava seis homens de Cava.*

*Pertence mais a esta dita quinta hua vinha que foi somagral de Joze da Fonseca no Serro do asno que he Dizima a Deos e levava de Cava des homens que parte de ambas as partes com vinhas da quinta.*

*Pertence mais a esta tal quinta huns talhos de vinhas que são Dizimos a Deos no sitio donde chamão as Serodoas que forão de Francisco de Payva que parte de hua parte com Pedro da Fonseca e de outra a vinhas da quinta.*

#### **Quinta das Cortes**

*Esta quinta fica no freguezia de S. Martinho de Cambres, no lugar da Portella, termo da Cidade de Lamego, que consta de Cazas, Capela Lagares, pomar vinhas com suas oliveiras que tem do Nascente quarenta e hua varas e pello poente setenta e hua, e do Norte setenta e tres, e do Sul cincoenta que levava quatro homens de Cava, e o Pomar levava meyo alqueire de trigo de sameadura e outra vinha que fica por baixo do Caminho que parte com a estrada publica que vay para o Rio Douro, e com vinhas de Bertolomeu Correa, e com o Rego que vay para o Couto pello fundo, e mais hua vinha no sitio do Couto que parte de duas partes com a quinta do Couto, e com vinhas de Bartolomeu Correa.*

*Parte desta quinta he Dizimo a Deos, e parte he prazo de que he direito senhorio a Mitra de Lamego feito no anno de 1701 nas notas do tabalião João Baupstista que vem a ser pomar e vinha que na lauda atras fica a medição, e mais hum pedaço de vinha assima dita que tem do nascente para o Sul cincoenta e oito varas e pelo fundo do Poente para o Sul com hum recanto que fas tem setenta e tres varas e medida pello Sul tem quarenta e oito varas levava seis homens de Cava e por toda esta terra aqui medida, e na lauda atras se paga por prazo de vidas a Mitra de Lamego de cada anno dous Capoens.....2  
e em dinheiro cento e setenta reis.....170*

*Pertence mais da dita quinta, aos Capelaens da Se hum pedaço de vinha que parte do Nascente com a pedra do Saguro, e do Poente com Miguel Rodrigues e da parte de baixo com a quinta do Couto e levava este pedaço doze homens de Cava e se paga por prazo aos ditos Capelaens, cada anno duas galinhas .....2  
e em dinheiro secenta reis .....60*

*Pertence mais a esta quinta assima hum olival onde chamão o heirol com hum Rego de Agoa que vem de Pouzada para a dita quinta e deste olival he direito senhor, o Cabido da Se de Lamego, que he pertença de hum prazo de que se paga ao Cabeça vinte e cinco reis cada anno delle .....25  
que parte com Lourenço Ribeiro e com Gaspar Francisco da Portela por todas as partes e levava dous alqueires de linhaça de sameadura.*

Pertence mais a esta dita quinta hua vinha no lugar de Mourella ou Pardelha chamada do Rego no lemite de Mondim que parte do Nascente com a dita quinta das Cortes<sup>10</sup> e do Norte com o Rego que vai para o Couto que tem cincoenta e oito varas e parte com Joze de Souza de Lamego e do Poente com o Caminho que vai para o Salgueiral que tem quarenta e cinco varas e do Sul tem trinta e tres varas a metade desta vinha he Dizima a Deos e outra a metade he prazo dos Beneficiados de Almacave feito este prazo no anno de 1699 a Joze da Fonseca de que se paga aos ditos Beneficiados de Almacave como direito senhorios cada anno hum tostão .....100

Pertence mais a esta quinta hum Souto onde chamão Mija velhas ou Ralhadoiro que foi de João Ramos de Figueiredo e hoje he vinha chamada as Barrojas /e tem hua fonte/parte pello fundo com o Rego que vay para a quinta do Couto e do Poente com o Ribeiro que desce de Martin Ribeiro para Mondim e por sima com terras de João de Carvalho do Casal e do Nascente com Vinha que foi de Catherina Gomes de Carozza, e tem do Poente tem de largo pello sima trinta, e nove varas e pello meyo abaixo ate ao fundo de comprido do Nascente para o Poente cento e vinte varas e pella parte de Poente junto do Ribeiro cento e duas varas e meya levará toda esta terra de sementeira pouco mais ou menos des alqueires de Centeyo e toda esta terra prazo do Cabido de Lamego de (que) se paga cada anno tres galinhas .....3 ou cincoenta reis por ellas qual elle senhorio quizer levar.

Esta mais continuado a esta vinha hum pedaço de terra que hoje tambem esta de vinha de que tambem he direito senhorio o Cabido de que se paga a Domingos da Silva e sua molher Izabel Roiz des reis como Cabeceira do tal prazo .....10 rs

Pertence mais a esta quinta das Cortes, a agoa da preza da Pouzada no dia de Sabbado a tarde ate ao Domingo ao jantar de cada semana, toda a referida agoa, e no Domingo mesmo de tarde lhe pertence hum terço da referida agoa.

Pertence mais a esta dita quinta hua sorte de hum salgueiral, que foi de Caetano Pereira e, sua molher Damiana que esta onde chamão Esvideiros, lemite do mesmo lugar que he Dizimo a Deos, e parte com David Pereira e da outra parte com Salgueiral que he da quinta dos Pachecos.

Pertence mais a esta quinta hum lameiro que foi de João Soares, e de Maria de Oliveira e de hua Joanna, este lameiro hoje he Salgueiral onde chamão Videiros que parte do Nascente com Luis Cardozo e do Poente com Domingos Rodrigues e pello sima com a estrada que vai para Pouzada com agoa de Regar.

Pertence mais a esta tal quinta hum Salgueiral no Sitio das Barrojas que foi de Joze Rodrigues.

### **Quinta do Pego de Valença**

Esta quinta fica no termo, e freguezia de Valença do Douro junto do Rio Douro, e se chama quinta do Pego ou quinta de S. Gonçalo que consta de Cazas Lagares vinhas e terras, e olivais, e hum forno de fazer telha e hua azenha de fazer azeite.

1. As terras de pão, são as seguintes hum tapado que tem de comprido do Nascente ao Poente vinte e seis varas, e de largo des e meya parte do Nascente com a estrada do Concelho e do Poente com as anteportas de Antonio Gonçalves e do Norte com Cazas e quinteiro da mesma quinta e do Sul com Catherina de Carvalho que levará tres alqueires de sementeira.

2. Mais hum chão da fonte que parte /do Nascente/ com azenha da mesma quinta e tem de comprido indo pello Caminho abaixo cento e cecenta e seis varas, e de largo oitenta e oito e tem noventa e tres oliveiras e levará esta terra de sementeira nove alqueires de Senteyo parte do Nascente com Belchior Gonçalves e António Pires e do Poente com Antonio Pires Ramalho.

3. Mais hua Courela por baixo do Chão da fonte que tem de comprido setenta e hua varas e de largo honze parte do Nascente com o Caminho do Concelho e do Poente com Antonio Roiz

<sup>10</sup> Nota à margem: tem de alto ao fundo vinte e hua varas.

Ramalho, e do Sul e Norte com o Convento de S. Pedro das Aguias levava hum alqueire de semeadura.

4. Mais hua Courela que esta onde chamão as Fontaynhas que tem seis oliveiras, e tem de comprido cincoenta varas, e de largo doze, parte do Nascente com Gonçalo Fernandes e do Poente com Manoel Fernandes, e do Norte com os herdeiros do Ruzalgar e do Sul com o Ribeiro levava hum alqueire de semeadura; mais hua oliveira onde chamão as de Regadas em terra de Anna de Carvalho dos Cazaes e hua oliveira em terra de Antonio Pires de Sima do Valle da fonte<sup>11</sup> e hua Caza junto ao Douro que tem de comprido quatro varas e tres palmos parte do Nascente com Caza dos fidalgos da Vizeira, e do Sul com a estrada do Concelho e das mais partes com terras da mesma quinta.

5. E o Casco da quinta do monte ate o Douro tem de largo duzentas e cincoenta varas, e de comprido trezentas e trinta e seis varas e tem vinte oito oliveiras parte do Nascente com Domingos e Gonçalo Fernandes e do Poente com os herdeiros do Rozalgar do lugar da Dezejoza e do Norte com o Rio Douro e do Sul com Francisco Gonçalves, e Domingos Pires e tem tres figueiras e outras arvores e hum forno de telha levava de semeadura trinta alqueires de centeyo; e tem hua Courela do Vale da Carvalha que tem sete oliveiras parte do Nascente e Poente com terras da mesma quinta e do Norte com Balchior de Tavora e Adorigo, e do Sul com Gonçalo Pires levava hum alqueire de semeadura e meyo e mais hua oliveira no fundo do lameiro longo no mesmo Ribeiro parte do Poente com Belchior Pires e das mais partes com terras da mesma quinta.

6. Mais hum Chão da Gricha que tem de comprido duzentas e vinte varas e de largo oitenta e oito e tem dentro em si duas fontelas livres sem servidão algua a pessoa algua assim de agoas como de Caminhos e levava de semeadura doze alqueires.

7. Mais hua Courela por cima do Chão da Gricha que tem de comprido trinta varas e de largo vinte parte do Nascente com Manoel de Mello de Espinhoza e do Poente com os herdeiros de João Francisco e do Norte com a estrada do Concelho e do Sul com Matheus Correa de Fonte Arcada levava alqueire e meyo de semeadura e hua oliveira onde chamão os Olemos em terra de Antonio Pires mais duas oliveiras no Cortinhal de Antonio Pires Ramalho.

8. Pertence mais a esta quinta hua Courela de terra onde chamão o Castello que de comprido cincoenta varas e de largo trinta varas parte do Nascente com Gonçalo Pires e do Poente com os herdeiros de Francisco Pires e do Norte com Antonio da Fonseca e do Sul com Francisco Gonçalves e levava de semeadura hum alqueire de Centeyo.

9. Mais hua Courela que esta no Val de Tabua que tem de comprido duzentas e trinta varas e de largo trinta parte do Nascente com Gonçalo Fernandes e do Poente com Gaspar Pereira e do Norte com Gonçalo Pires e do Sul com Antonio Gonçalves e levava seis alqueires de semeadura.

10. Mais hua Courela pella banda de cima junto a hum chão de Manoel de Mello que tem de comprido setenta e quatro varas e de largo desanove parte do Poente com terras da Confraria do Senhor e do Nascente com Gonçalo Pires e do Norte com o Chão de Manoel de Mello e do Sul com Gaspar Pereira levava dous alqueires de semeadura

11. Mais hua Courela a fonte da Bespa que tem trinta oliveiras digo tres, e tem de comprido oitenta e oito varas e de largo desoito parte do Nascente com Belchior Gonçalves e do Poente com o Ribeiro do Concelho e do Norte Gaspar Pereira e do Sul com Gonçalo João, e levava alqueire e meyo de semeadura.

12. Mais hua Courela no Valle de Frichieiro que tem hua oliveira e a metade de outra, e a outra a metade he de Antonio Pires tem de comprido cento e trinta e duas varas, e de largo cecenta e sete parte do Nascente com o Ribeiro do Concelho e do Poente com a estrada do Concelho que

<sup>11</sup> Nota à margem: e hua amoreira na mesma terra. E hua figueira no valle da fonte em terra de Francisco Villella.

vai para o Douro e do Norte com Gonçalo João e do Sul com Gaspar Pereira levará des alqueires de sementeira.

13. Mais hua vinha que esta nas Fontaynhas de sima que tem de comprido trinta e nove varas e de largo trinta parte do Nascente com Gonçalo Fernandes e do Poente com Francisco Villella e do Norte com Anna de Carvalho dos Cazaes e do Sul com terras da quinta.

14. Mais hua Courella de terra por sima da mesma vinha das Fontaynhas que tem de comprido setenta e tres varas, e de largo desaseis parte do Nascente com Antonio da Fonseca, e do Poente com Francisco Vilella e do Norte com terras da mesma quinta e do Sul com os herdeiros de Francisco Pires levará de sementeira alqueire e meyo.

15. Mais O Cortinhal junto ao lagar que tem de comprido Noventa e seis varas, e de largo oitenta e hua varas, parte do Nascente com terras da mesma fazenda e do Poente com Gaspar Pereira e do Norte com Gonçalo Fernandes e do Sul com Gonçalo João levará de sementeira cinco alqueires e tem vinte e tres oliveiras e hua amoreira.

16. Mais hua Courela por sima do lameiro de Maria Pires que tem de comprido quarenta e quatro varas e de largo trinta e nove e meya, e tem duas oliveiras parte do Nascente com os herdeiros de Gonçalo João, e do Poente com Antonio Pires Ramalho e do Norte com Maria Pires, e do Sul com Antonio da Fonseca levará de sementeira hum alqueire, e hua oliveira por sima do lameiro de Gonçalo Pires em terra de Gonçalo Fernandes.

17. Mais hua Courela junto ao lameiro de Balchior Pires que tem de comprido vinte e tres varas e de largo treze parte do Nascente com Francisco Villella e do Poente com Gonçalo Fernandes, e do Norte com o Villella e do Sul com Balchior Pires levará de sementeira hua quarta de centeyo.

18. Mais hua Courella a Calçada com tres oliveiras e tem de comprido cento e vinte, e de largo trinta e quatro varas levará de sementeira dous alqueires de centeyo parte do Nascente com Gonçalo Pires e do Poente com os herdeiros de Antonio Pires e do Norte com a estrada do Concelho e do Sul com Gaspar Pereira.

19. Mais hua Courella que esta no Cortinhal que foi de Antonio Pires de sima e tem hua oliveira, e tem de comprido quarenta e quatro varas, e de largo oito, parte do Nascente com Gonçalo Pires e do Poente com o Ramalho e do Norte com o mesmo Gonçalo Pires e do Sul com Domingos da Fonseca da Dezejosa levará de Sementeira meyo alqueire.

20. Mais hua Courela no Carrascal que tem de comprido oitenta, e oito, e de largo vinte, e tres parte do Nascente e do Norte com Antonio Pires e do Poente com Catherina de Carvalho e do Sul com Antonio da Fonseca levará de sementeira tres alqueires.

21. Mais hua Courela junto ao Pero Neto que tem de comprido quarenta e quatro varas, e de largo trinta e hua e meya levará hum alqueire de sementeira parte do Nascente com Gonçalo Pires e do Poente com Domingos da Fonseca da Dezejosa e do Norte com a estrada do Concelho e do Sul com Francisco Villella.

22. Mais hua Courella no Pecegueiro que tem de comprido vinte e seis varas e de largo vinte e tres levará de sementeira tres alqueires parte do Nascente com Antonio Pires e do Poente com Francisco Vas e do Norte com Sabastião Francisco.

23. Mais hua Courella por Sima Darrotheas que tem de comprido trinta, e quatro varas e de largo vinte e quatro levará meyo alqueire de sementeira parte do Nascente, com o Ribeiro e do Poente com Antonio Gonçalves e do Norte com terras da mesma fazenda e do Sul com Gonçalo da Fonseca.

24. Mais hua Courela na Arrothea que tem de comprido secenta e sete, e de largo secenta e oito leva tres alqueires de sementeira parte do Nascente com o Ribeiro do Concelho e do Poente com Antonio Pires, e do Norte com os herdeiros de Antonio Pires e do Sul com terras da Confraria do Senhor.

25. Mais hua Courela no Arcão que tem de comprido setenta, e quatro varas e de largo trinta,

e hua levava de sementeira dous alqueires parte do Nascente com a estrada Velha, e do Poente com Antonio Pires e do Norte com Gonçalo Pires e do Sul com Gonçalo Fernandes.

26. Mais hua Courela no Aracão que tem de comprido trinta e sete varas, e de largo quatorze levava meyo alqueire de sementeira e tem quatro oliveiras parte do Nascente com Manoel Fernandes, e do Poente com o Vilella e do Norte com Gonçalo Pires e do Sul com terras da Confraria do Senhor.

27. Mais hua Courela a quinteira com des oliveiras e tem de comprido setenta e cinco varas, e de largo vinte hua levava de sementeira dous alqueires parte do Nascente com Gonçalo Pires e do Poente com Anna de Carvalho dos Cazaes e do Norte com Antonio Gonçalves e do Sul com o Ramalho.

28. Mais hua Courela as Heiras que tem de comprido noventa e cinco e de largo trinta e hua levava de sementeira tres alqueires parte do Nascente com terras foreiras ao Convento de S. Pedro das Aguias e do Poente com os herdeiros de Lucas Marques e do Norte com Belchior Pires, e do Sul com as Moreiras.

29. Mais hua Courela junto as lapas de Carnis com cinco Oliveiras que tem de comprido setenta e tres e de largo doze levava dous alqueires de sementeira parte do Nascente com terras de Antonio da Silva e do Poente e Norte com o Vilella e do Sul com o Pereira.

30. Mais hua Courella as Paredes que tem hua oliveira que tem de comprido cento e trinta e dous e de largo vinte e hua e meya varas levava tres alqueires de sementeira parte de Nascente com o Vilella e do Poente com terras foreiras a Convento de S. Pedro das Aguias e do Norte com Francisco Marques e do Sul com Gonçalo Fernandes e hua oliveira as Paredes em terra de Belchior Pires e outra oliveira onde chamão a Corte em terra de Antonio Pires de Sima e hua Caza da mesma fazenda terreira e telhada que tem de comprido tres varas e meya e de largo tres varas parte do Nascente com os herdeiros do Carapuça e do Poente com o Caminho do Concelho e do Norte com a horta da mesma fazenda e do Sul com a mesma estrada que serve de Palhal. E hua Caza terria que serve de azenha de fazer azeite tem de comprido oito varas e de largo 6 parte do Nascente com a estrada do Concelho e do Poente com o Ribeiro da fonte e do Norte com terras da mesma fazenda e do Sul com a estrada do mesmo Concelho. E hua horta junto as Cazas que forão de Gonçalo Thome que tem de comprido vinte varas, e de largo treze e levava hua quarta de sementeira parte do Nascente com Belchior Pires e do Poente com Gonçalo Pereira e do Norte com a mesma fazenda e do sul com as anteportas da Caza da mesma fazenda.

31. Mais hua Courella que foi algum dia vinha que fica onde chamão os Inchristos parte do Nascente com Belchior Pires e do Poente com Pedro Fernandes de Santo Aleixo e do Norte com o Rio Douro e do Sul com o Caminho do Concelho levava de sementeira hum alqueire e por ser terra muito fragoza se não pode medir.

32. Mais hua Courella que esta onde chamão os Bacelinhos que tem de comprido setenta e nove e de largo vinte hua varas e tem duas oliveiras e vai o Ribeiro pello meyo parte do Nascente com os herdeiros de Antonio Pires Torrinha, e do Poente com Francisco Ferreira e do Norte com o mesmo e do Sul com Maria Lourença da Dezejoza e levava de sementeira tres alqueires.

33. Mais hua Courella junto a heira de Balchior Pereira que tem de comprido treze varas e de largo des parte do Nascente com Catherina de Carvalho e do Poente com a estrada do Concelho e do Norte com Antonio Pires e do Sul com os herdeiros de João da Fonseca e levava de sementeira meyo alqueire.

34. Mais hua vinha a Calçada com suas arvores de fructo, e sem fructo parte do Nascente com a estrada do Concelho e do Poente com Catherina de Carvalho e Francisco Villella e do Norte com a Calçada que vai para a fonte do Concelho e do Sul com a mesma estrada e hua figueira que esta ao Valle de Maria Leitoa que forão do mesmo Gonçalo Thome e sua mulher Luisa Fernandes.

Pertence mais a esta quinta hua vinha e arvores que foi de Antonio Rodrigues e sua mulher que esta onde chamão o Frixieiro que parte de hua parte com o Ribeiro do Concelho e da outra

com a quinta com hum bocado de terra ao redor da mesma vinha pertencente da Caza de Antonio Pires do quinteiro parte com o mesmo Ribeiro e da parte de sima com o Caminho do Concelho.

Pertence mais a esta dita quinta hua Courela de terra com suas oliveiras que foi de Manoel Denis que esta onde chamão o mesmo Frixieiro que parte com Bras Rodrigues e com a tal quinta.

Pertence mais a esta dita quinta hum linhar que foi de Theadozio da Silva e Maria Pires e de Manoel Fernandes onde chamão o forno da telha que parte de hua parte com Domingos de Souza e de outra parte com a dita quinta, e mais o dito forno e sua agoa.

Pertence mais a esta tal quinta hua Courella de terra e suas oliveiras que foi de João da Fonseca e seus irmãos on[de] chamão o Frixieiro que parte com a dita quinta, e da outra parte com Gonçalo João. E outra Courela onde chamão o Serro do Pego que parte com a quinta, e por outra com o Caminho do Concelho.

Pertence mais a esta referida quinta hua Cabeceira de terra que foi de Manoel Fernandes, e de Marianna da Costa que fica onde chamão o Frixieiro; e assim mais outra Courela no mesmo sitio tambem que tudo parte com a quinta.

Toda esta quinta e suas pertenças he Dizimo a Deos tão somente, e tem-se posto nesta terra algua parte de vinha.

<sup>12</sup>Item pertence mais a esta quinta nove oliveiras na testada do Rio Douro no Caminho que vai para o Rio Tavora.

Esta quinta se emprazou por prazo de vidas de livre nomeação em Manoel Rodrigues da Regoa com o foro de 62400 e hum almude de azeite lutuoza 1600 Dominio de des em 13 de Novembro de 1757 nas notas de Francisco Duarte Pereira – Escrivão de Nottas em Penaguião e hua declaração em 17 de Agosto de 1758 nas mesmas nottas.

#### **Quinta de Valclaro**

Esta quinta fica na freguezia de Penajoya termo da Cidade de Lamego no sitio e lugar chamado de Valclaro, que consta de Cazas, Lagares, Pomar com sua agoa, arvores de fructo, vinha, e terra com suas oliveiras que parte por hua parte com Joze Bento de Magalhaens da Cidade de Lamego e por outra com a estrada publica que vay para Barró.

Pertence mais a esta dita quinta hua vinha ou bacelo sito no lemite de Ferreiros de Penajoya que parte com o caminho que vai para Barro, e da outra com Mattos, e com Jorge de Lucena de Lagoas; toda esta quinta he dizima a Deos.

Esta se emprazou por prazo de vidas de livre nomeação em Manoel Rodrigues chamado o Reo de Penajoya com o foro de 47\$500 reis Lutuoza 1200 reis Dominio de des em 24 de Dezembro de 1754 nas nottas de Manoel da Costa Pinto Zuzarte Escrivão de Notas e Judicial da Cidade de Lamego

#### **Quinta de Tourais, Chamada dos Pachecos**

Fica esta quinta no termo da Cidade de Lamego distante hua legoa no meyo da Ribeira de Touraes freguezia de S. Martinho de Cambres, e junto ao Rio Douro. O Casco desta quinta he prazo do Mosteiro de Santa Maria de Salzedas da ordem de S. Bernardo, que consta de Vinhago, e no Corporal delle tem as Cazas a saber Cazas de sobrado que tem de comprido cento e des, 110 palmos, e de largo trinta e cinco, 35 e Caza de Lagares com o mesmo comprimento que con-tem em si quatro, 4, Lagares de pedra de Cantaria, e outras Cazas defronte destas de sobrado que tem de comprido<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Parece ter sido acrescentado posteriormente com caligrafia diferente do resto da página.

<sup>13</sup> O manuscrito acaba aqui. Tem mais 19 folhas em branco.